

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



Proprietário da Confédération Générale du Travail

Editor — Carlos Maria Coelho

FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.662

Sábado, 26 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 a 115.

"A Batalha" não incita ao atentado, cumple apenas o seu dever flagelando com energia fôdas as injustiças

Consciência tranquila

Insinuaram alguns jornais, e o milagrosamente escaparam, um punhado de homens. Correio da Manhã afirmou, que o atentado do que foi alvo o armador sr. Correia da Silva, fora iniciado e preparado por uma campanha de A Batalha. E' grave e odiosa esta acusação. Serenamente — porque a nossa consciência está absolutamente tranquila — vamos provar que A Batalha não teve, nunca teria, interferência em atentados pessoais.

A Batalha é, como o Correio da Manhã, um jornal do combate. Este luta pelo advento da monarquia, nós pela queda do capitalismo e pela emancipação do operário. Dia a dia, nesta maré de crimes e de iniquidades que é a vida nacional, se apresentam questões que A Batalha, jornal de franco combate, no desempenho da sua missão, critica acríticamente, flagela com energia. Outro tanto acontece ao Correio da Manhã — com a diferença de aplicar um critério conservador e monárquico à solução dos problemas que enumera.

Há tempos A Batalha descobriu que o armador Correia da Silva, ganancioso, despidão de escrúpulos queria obrigar a tripulação da barca Bela Vista a seguir viagem nesse barco, cujo estado de ruína fazia prever um desastre certo. A Batalha, cumprindo o seu dever, deu o alarme, denunciou o perigo, fez notar a responsabilidade tremenda que o sr. Correia da Silva assumiu convencendo o capitão do Porto de Lisboa a deixar sair naquele estado a barca Bela Vista.

A barca saiu de Lisboa, metendo água, caindo de pôrte — e naufragou. A tripulação passa tristes, vê a morte do perto e, por acaso, consegue salvar-se. A Batalha não se tinha enganado e o sr. Correia da Silva foi, conscientemente, um criminoso, porque teve o menor escrúpulo, em irremessar para a morte, da qual

Um acto de "heroísmo"

POR ESSE MUNDO FORA

INGLATERRA
O reconhecimento do governo republicano grego

ATENAS, 25. — Sir Milne Cheetham, ministro da Inglaterra, esteve no ministério dos Negócios Estrangeiros, onde informou o ministro sr. Rousseau de que o governo inglês tinha reconhecido o governo republicano grego.

A Turquia também reconheceu já a República.

A conferência anglo-russa

LONDRES, 25. — Reuniu a quarta comissão da conferência anglo-russa, para examinar os tratados entre a Rússia e a Inglaterra. Foi resolvido adiar as sessões plenárias até que as comissões parciais entreguem os seus relatórios.

A questão do desarmamento

LONDRES, 25. — O Daily Express que pertence ao milionário canadense Lord Beaverbrook, publica um editorial, dizendo que a proposta do presidente Coolidge para a reunião da conferência para tratar da questão do desarmamento, não é mal vista em França, mas que este povo eminentemente prático, quer, antes de retirar as suas tropas negras das regiões ocupadas, saber o que significa o desarmamento e quais as garantias que serão dadas à França.

DINAMARCA
Um governo trabalhista...

COPENHAGUE, 25. — O novo ministro declarou-se trabalhista e não socialista extremista. Vai preocupar-se especialmente com o problema da carestia da vida. O presidente do conselho interrogado sobre a política geral de gabinete disse que se esforçaria por tratar no estabelecimento de acordos entre os três países escandinavos.

Interrogado ainda sobre se os ministros trabalhistas aceitariam convites do soberano para jantar no Paço responderam que ele e os seus ministros podiam tratar em colaboração com o rei que portanto podiam também jantar com ele tantas vezes quantas o rei quisesse convidar e assimilá-las às festas palacianas sem que por esse motivo se modificassem as suas ideias. As expressões de cortesia nada tinham que ver com a política geral do gabinete que de resto estava trabalhando em estreita colaboração com a monarquia.

RÚSSIA
As relações com a Noruega

REVAL, 25. — A conferência russo-noruega vai começar brevemente. A Noruega envia à Rússia uma numerosa delegação.

Os nomes dos dois heróis que pretendiam, à hora chique do Chiado, arranjar a vingança, não os conseguimos saber.

Problemas de organização

Considerações acerca da Conferência inter-sindical realizada em Lisboa :

Tenho esperado que alguém, com isso me reporto, a tal questão das nullidades, como não aceitará — já o disse — a análise da Conferência Inter-sindical, fixando e apreciando os factos ali desenvolvidos, o que será enriquecer com uma página a história do movimento operário, que taméficiente é de documentação.

Mas, ninguém a tal se abalançou e como eu avou, que em matéria documental as actas, que advinho bastante falsas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

Servimos honestamente e como podemos, e não vamos mais além porque é impossível, porque o labor constante e extraordinário a que nos enfrentamos, para nos garantirmos o direito

à vida, nos fura o tempo para o estudo. Porque assim é, e porque os nossos conhecimentos não vão mais além, nos vamos contentando em fazer na organi-

zação o que faz um caleiro que não mais treino do que eu, venha fazer a análise, como não aceitará — já o disse — a quem dentre de nós o fizér só o deverá a um excesso de vaidade mal cabida.

Todos sabemos e de há muito, que são deficientes os moldes em que esta vasada a «organização» que ai se vem arrastando. Confessamo-lo todos os dias que ela não satisfaz, que apresenta falhas, porque nelas é impossível focar a impressão a que, em tópodes as assembleias daquela natureza a paixão de tensões arrasta uma parte ou fraciona-as faz chocar entre si, tanta desviação do roteiro traçado e outras, até, tudo anula, eu venho, e que mo perdoem, expôr, palidamente, porque dentro modo não o sei fazer, os impressões colhidas.

Não quero, porém, dizer, quando me refiro, que só plácidamente vou exponer, que me reporto à qualificação que me deram e a tantos mais de nullidade. Não!

Também não reivindico para mim o lugar de «intelectual» que o não sou e de sobre si e com tristeza o confessou, como nem o reconheceria a nenhum dos que comigo, mais à esquerda, direita ou fundo, tiveram assento e representação naquela reunião.

Nós temos — e com que desgosto o damos a público — muito menos conhecimentos do que aqueles que sequer calculamos ler, e a perder de vista daqueles que precisamos possuir para nos desempenhar da alta missão que nos impõem de representar as classes trabalhadoras, que formamos parte, e defendemos os nossos direitos e liberdades.

A BATALHA

HOJE SÁBADO HOJE — NO — Teatro Nacional

RECITA dedicada á Aviação Militar, a favor da qual reverterá o produto, havendo um entre-acto em que os artistas do Nacional recitam vários trechos patrióticos, seguindo-se-lhe

O CRIME DE ARRONCHES

A VOZ DO OPERARIO

Uma carta sobre o seu funcionamento

Sócio auxiliar desta instituição de beneficência e instrução, assisti pela primeira vez à última assemblea geral e pasmei-me que o que vi, porque, por muito que me consasse nunca supôs que os factos excedessem a minha expectativa.

Dizia-se de *A Voz* cobras e lagartos, e à força de tanto ouvir, dispuse-me a assistir a uma assemblea, nunca calculando que numa agremiação composta de uma centena de milhares de sócios fosse possível que quatro gerências de quatro anos não apresentassem as suas contas nos prazos respectivos como determina o n.º 8 do art. 32º dos estatutos que reza assim:

«Apresentar as suas contas, por anos económicos, à assemblea geral, ficando essas contas, patentes por espaço de 8 dias na sede social, para qualquer sócio as poder examinar.»

Este ponto que eu li em *A Batalha* na convocação da aludida última assemblea, despertou-me a atenção e fui, mas em vez da colecção dos relatórios de contas, ouvi um ataque cerrado aos corpos gerentes da *Voz*, ataque de que eles não souberam ou não puderam defender-se!

Tive por momentos a impressão que se tratava dos Transportes Marítimos e outras manigâncias certeiras, pois se até loram acusados de uns aquisições de materiais para a conclusão da sede, se tiverem dispensados os concursos públicos, dando este facto origem a possíveis suspeitas de grossas luvas, que sempre se verificam quando se não usam os concursos.

Na referida assemblea não se tratou destes pequenos casos que aparecem em assembleias operárias e os quais a imprensa burguesa costuma dar vulto e grandeza que quase sempre não tem e que nunca são casos de ordem moral como éste de que nos ocupamos.

Voz uma «claque» disputando a manutenção dum «tachão» que, segundo parece, tem dado largos proveitos a todos aqueles que juntaram para agarrar a apresentação dum cabaçada de relatórios de contas e isto ainda porque a isso moralmente foram impelidos.

Uma «claque» de interessados, defendem que aos sócios auxiliares só é permitido pagarem as suas cotas; «claque» esta composta de analéfatos, conforme o declarou na assemblea o seu «leader», mas não obstante arrogam-se os únicos capazes de administrar, apesar da sua provada incompetência para serem detentores e senhores de milhares de escudos que comportam agora as receitas!

Não pode ser.

Voz assiste-a uma verdadeira burocracia desonesta que pontifica numa sociedade que se diz de Beneficência e de Instrução!

Voz, sociedade que tem um órgão que se diz «órgão do operariado em geral», têm-se cometido factos que podem bem comparar-se com os últimos escândalos que se têm verificado em muitas administrações burguesas, e *A Batalha*, que não tem poupadou esses escândalos, certamente acompanhará os tristes e lamentáveis sucessos da *Voz* para que esta possa alguma vez ser aquilo que milhares de sócios auxiliares desejam que seja, isto é, uma Sociedade de Beneficência onde a Beneficência não seja de «unil secretos», como o justifica a ausência de relatórios de contas; uma Sociedade de Instrução onde a instrução não esteja nas mãos de uma regente que não rege nada, porque não aparece, mas que contudo nunca desapareceu para receber os seus imerecidos vencimentos! Una Sociedade de Beneficência e Instrução que não sustente uma burocracia pesada e inútil; onde se pague melhor a quem pior trabalha, onde finalmente, irradiam melhores princípios, sem os quais não poderia haver boa instrução.

As autoridades que tam atentas são sempre a factos menos importantes, se embora que o alvará da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», o qual é assinado pelo governador civil em 6 de Julho de 1907, dia final:

«Fica Esta Sociedade sujeita, nos termos de direito, à fiscalização administrativa e a ser-lhe retirada a presente aprovação, quando se desvie dos fins para que se constitua, ou deixe de observar os estatutos.»

Ora se em harmonia com os estatutos os sócios auxiliares não tem direito ao voto deliberativo, — o que de resto não precisamos, — também lógico é que os actuais corpos gerentes sejam chamados por quem de direito a prestar contas, pela falta de observância do n.º 8 do Art. 32 dos mesmos estatutos — Alberto Monteiro, sócio auxiliar.

Os trabalhos da comissão

A comissão de sócios auxiliares da Sociedade «A Voz do Operário» deve avistar-se hoje com o governador civil do distrito, a quem exporá a situação anormal em que se encontram as suas direções, que, durante quatro anos não apresentaram contas dos seus actos administrativos, o desrespeito pelos estatutos, não abrindo concursos para fornecimento de materiais para a obra da sede, e loda a série de factos irregulares praticados durante as últimas gerências, apresentando ao mesmo tempo a moção votada na última assembleia, na qual se pede uma rigorosa sindicância aos actos dos directores da Sociedade «A Voz do Operário».

Os desmoronamentos

Proceder-se-há, amanhã, à distribuição do produto dos bando precatórios.

Na sede do Sindicato Ferroviário, ruas Arco Marquês do Alegrete, 30, 2.º andar-se-ontem a comissão promotora dos cinco bando precatórios efectuados em 6 de corrente, para as vítimas dos últimos desmoronamentos, tendo presidido Manuel Tomé, secretariado por Vitor Hugo Vidal e Guilherme Barreiros.

O fim da reunião foi determinar quais os necessitados e qual o quantitativo a entregar a cada um, tendo sido saídas, todas as entidades que se encorparavam nos bando precatórios, nomeadamente a Sociedade Humanitária Cruz de Malta e o 2.º comandante dos Bombeiros Municipais.

O produto líquido, 22.260\$00, será amanhã dividido igualmente, por cada uma das seguintes pessoas: Júlio Gomes Oliveira, Alexandrina Lacerda Martins, José Alexandre Abrantes, Maria M. Abrantes, Maria Faria Abrantes, Maria Alexandrina Abrantes, Artur da Silva, Augusta da Conceição, Albelina da Conceição, Brígida da Conceição, Manuel da Conceição, Agostinho da Conceição, Engrácia Pereira, Agostinho Pereira, José Figueiredo Lopes, Matilde Lopes, João Carvalho Lopes, Clotilde Lopes Lopes, Nísia Heitor Lopes, Mário Lopes, José Lopes, Arnaldo Franco, Adalade Franco, Mário Franco, João Franco, Natália Franco, Noémia Franco, António Franco, Agostinho de Sousa, Júlia de Sousa, Francisco Matos, Ana Neves de Matos, José de Matos, Piedade de Matos, Francisco Neves Matos, Ernestina, que vive actualmente na Rua Saraua de Carvalho e seu irmão, Dr. Travessa do Tarujo, Francisco Vieira, Lídia e 4 filhos, Henrique Martins, Maria Antónia de Almeida e a pequena Ivone da Silva.

A distribuição far-se-há pelas 17 horas, devendo para esse efeito encontrar-se à hora acima indicada, na sede do Sindicato Ferroviário, todos os interessados.

A comissão, convidada juntas as colectividades, que a auxiliaram, a enviar um delegado para assistir à distribuição.

Foi entregue por Marla Figueira, a quantia de 112\$50.

Récita de estudantes

Como noticiámos realiza-se no próximo domingo 27, no Teatro Politeama, pelas 15 horas, a festa dos alunos da Escola Comercial de Viana Beirão, com a representação da ópera em 3 actos «Juízo» da autoria do professor sr. Cândido de Carvalho e música de António sr. António Eduardo da C. Ferreira.

Esta ópera que é interpretada pelos alunos da mesma escola tem um corpo coral de cerca de 80 meninas e rapazes. Os bilhetes encontram-se à venda na bilheteira do teatro.

SECÇÃO TELEGRÁFICA

Federações

METALÚRGICA

Metalúrgico de Torres Novas

Contem com delegados

CALÇADO, COURO E PELES

Jerônimo de Sousa

Esclarece o clube da dificuldade do desempenho cabal da missão, o resto tudo entendido.

Comité de P.º Federal do Norte

Comité de P.º Federal do Sul

Segue carimbo, ofício e papel timbrado.

Sindicato Único de Guimarães

Segue diário e ofício.

S. Manufactores de São Tiago de Cacém

Segue o papel timbrado e ofício.

Manufactores de Montemor-e-Novo

Seguem ofícios.

Perfumaria Elite

Completo sortido de utensílios para barbeiros

Largo do Calhariz, 18 (Edifício de «A Lusa»)

TELEFONE 1148 CENTRAL

IMPRENSA

Estão em moda os panfletos. O

partido, agora, está transformando os

seus hábitos, pois desistiu dar tiros, por

cancão e aborecimento, para entrar

no caminho dos adjetivos, com encar

namento de espovões as gentes

Ontem visitou-nos mais um panfleto

«A Corja» que é dirigido pelo sr. Martim dos Santos, uma pena adextrada,

cheia de azougue. Ataca com grande

energia só para uma banda.. deixam

assim, com excelente camaradagem,

assuntos e inventivas em branco que po

dem dar lugar outro panfleto.

As fantochadas religiosas

A reacção não desarma na sua obra

de embraturação do povo. No do-

mingo, 13, organizou a procissão de

são Carlos

— Telefone N. 3063 —

HOJE — A's 21,30 da noite
ÚLTIMA REPRESENTAÇÃO
da peça em 3 actos, de IESSEN

CASA DE BONECA

Admirável trabalho de Lucília Simões
Obra encantadora, primeiramente desempenhada

Sexteto sob a direcção de René Bohet

Não h. locação, a qualquer hora:

Carneiros e ovelhas, 500\$00; 500\$00 e

500\$00, e, Veraninhos, 1.000\$00; Fauteuils

500\$00, e, Veraninhos, 2.000\$00.

Amanhã: DOMINGO — Réplica da

ZAZÁ em récita única

Quinta-feira, 8 de Maio: «Première» da

peça Sudermann, «As fogueiras do

São João», assombra crição de

Lucília Simões. Marcam-se já bilhetes

para esta récita.

Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21,15 (9 1/4) — HOJE

Companhia italiana de ópera e ópereta

2.ª representação da linda ópera

do maestro FRANZ LEHAR

A MAZURKA AZUL

que ontem, na sua estreia, obteve

um extraordinário sucesso

MUSICA DELICIOSA

DESEMPENHO MAGNÍFICO

O melhor e mais artístico

espectáculo de Lisboa

A BATALHA

NA PROVÍNCIA

COVILHÃ Impressões da Semana Santa

COVILHÃ, 23. — Semana Santa foi

aqui que passou para todo o povo

<p

DOUTRINA E CRÍTICA

O movimento operário italiano

Cinquenta anos de luta revolucionária -- Para a história das revindicações proletárias

O ano de 1900 foi o princípio dum novo era proletária na Itália. Não por que o velho «caminho da cruz» não existisse lado a lado agora de sebes de roseiras, cujos espinhos agudos dilaceravam os caminhos e procuravam deter a nova vida. As baixas que a força armada do governo atirava sobre os trabalhadores, que pediam pão e trabalho, os tiros disparados nas assembleias dos espoliados, tornaram-se de uso diário. Pelo meio do sangue desprendido dos trabalhadores devia ser conservada a tranquilidade da burguesia. Esta política de opressão aos trabalhadores italianos com o auxílio das basas e sabres de vila, levá-los em breve ao desespero. Repetiram-se novamente conflitos graves entre o proletariado e a força pública. Não só pelos trabalhadores se tornava esta odiosa, mas por quase toda a população em geral.

Neste período de tempestade e de tribulação nascem a inesquecível greve do proletariado italiano de setembro de 1904, que paralizou inteiramente a vida económica e social do país.

Este grandioso movimento acelerou a escassez do proletariado. As malhas de organização fortificaram-se, duplificaram-se. A única organização proletária que abrangia todas as forças do país,

«O secretariado nacional de resistência», com orientação revolucionária, concentrou em si todas as energias de luta do proletariado e confiou-o com firmeza no caminho da vitória.

Contra a posse ilegal dos grandes donos, realizada séculos antes pela aristocracia, levantaram-se as organizações dos campões que exigiam o respeito dos seus primitivos direitos. Pela ação directa dos campões conseguiu-se uma espécie de compensação, que garantia a ocupação do solo e das terras por meio das escolas da agricultura, as quais tinham merecido a aprovação dos campões.

Os tribunais e o estado abstiveram-se de intervir, para reconhecerem os direitos indiscutíveis dos primeiros possuidores. Os dez anos, de 1891 a 1901, foram ricos em episódios, em que os trabalhadores dos campos recorreram a ação directa.

Nas extensas planícies de Pádua, onde o sindicalismo revolucionário tinha tomado primeiros raízes, rebentavam aqui, ora açoit, greves dos trabalhadores esfomeados das minas de sal-gema que reclamavam o justíssimo direito à vida, que lhes tinha sido negado até então. Estas greves, nas quais tomaram parte dez, cem ou mesmo mil trabalhadores com todos os caracteres revolucionários com meios violentos. Os agrários - os mais reacionários entre os capitalistas - não lutavam também contra os trabalhadores com meias medidas. Eles utilizavam-se do poder do estado, de modo que cada greve tinha como consequência uma série de conflitos graves. E não poucas vezes atiravam a cavalaria sob os corpos dos trabalhadores, das mulheres e das crianças, que dejavam as ruas, e se deixavam de ventre sobre as calçadas, quando se aproximava. Os fraternal sentimentos dos soldados - eles eram carne do proletariado e sangue do mesmo sangue - evitavam muitas vezes o terrível derramamento de sangue, que teria certamente provocado os cínicos agrários, para não acederem às justas reclamações dos trabalhadores da terra. As lutas entre o capital e o trabalho apresentavam-se na Itália quase sem exceções como uma luta de classes.

Os trabalhadores não queriam melhorar sómente momentaneamente a sua situação económica - não, nas greves manifestava-se principalmente o espírito de solidariedade para com todo o proletariado, para com todos os trabalhadores dos campos e das fábricas. E estas greves tinham uma grande consequência moral por causa do seu caráter revolucionário. As greves na Argentina, Féri, Piombino, nas províncias de Ferrara e Parma, Carrare e Apúlia tinham juntas por fim a conquista do pão, a re-

dução das horas de trabalho, a abolição dos velhos privilégios do patronato, e a introdução dos novos direitos proletários. Todas estas lutas com os seus centenares de episódios, ora tristes, ora comovedores, continuaram vivendo na história. O auxílio às crianças, aos milhares de filhos dos grevistas, foi organizado sistematicamente. Foram estes enviados para outras cidades e muitas vezes para províncias distantes, onde eram recebidos, vestidos e alimentados o melhor possível por famílias de operários, até os pais saírem vitoriosos da luta empreendida contra os padres, e poderem sustentar de novo os seus filhos. Milhares de homens corajosos colocaram-se ao longo das linhas ferroviárias, com temerária audácia, para fazer saltar os rails, a fim de pararem os comboios, que conduziam os Judas do proletariado. Uma cozinha inteiramente comunista tornava possível a resistência de milhares de famílias grevistas. As barricadas, que os grevistas levantaram contra as forças armadas do estado, eram defendidas com obstinação heróica.

Assim decorreram as lutas entre o capital e o trabalho na Itália de 1901 a 1910. Elas foram rapidamente interrompidas pela declaração da fatal guerra europeia.

Aquelas lutas na Itália eram mais do que lutas de classes, era uma guerra de classes. Não só uma pequena escaramuça sangrenta, mas uma luta, que trazia em si todos os sinal da dura e permanente greve geral em todo o país.

A última greve geral antes da guerra foi a de Julho de 1914, que recebeu o nome de «semana vermelha». No domingo 7 de julho realizaram os trabalhadores grandes assembleias de protesto em toda a Itália contra as infâncias do militarismo. Eles foram em auxílio do governo e da burguesia, declarando-se incapazes de deter o progressivo avanço do movimento. Eles preferiram a própria derrota, do que auxiliar o proletariado a vencer. Isto foi uma verdadeira e real luta de classes. Nas ruas, nas praças, nas oficinas e nos campos triunfaram facilmente os lutadores. Contudo caíram vítimas das balas da força armada em várias localidades, como, por exemplo, em Persiceto, ou sob as balas das espingardas dos agrários, como em Piacentino.

Mas depois dos anos de luta vitoriosa para o proletariado, seguiram-se aqueles tristes e dolorosos anos de ofensiva dos senhores, da terrível reação, de que o proletariado se pode bem recordar, seguindo-se os anos das prisões, a que tanto foram condenados. Isto é a história de ontem e de hoje. Uma história, cujos detalhes todos nós conhecemos, e que não precisamos repetir.

Em todo o caso precisamos acrescentar que o proletariado italiano não soube na sua totalidade deter a marcha da unica ante vista reação, que teria sido enfraquecida, se se tivessem expandido sem limites as forças subversivas.

E contudo! Este proletariado tem lutado, tem defendido polegada por polegada a sua posição com todos os meios e forças de resistência que possui. Não é aquí o lugar, para narrar aqueles trágicos episódios, nos quais se manifestou o heroísmo dos trabalhadores. De Apílio ao Piazzettino, de Carrara a Sestri Ponente, de Valdorna a Parma, etc., houve uma série infinita de lutas violentas, nas quais caíram milhares de vítimas de ambas as partes. O poder está presentemente do lado da reação, que tem por si a covarde burguesia, assim como uma parte das massas desiludidas, que contavam receber as terrenos. O poder armado do estado tende a vencer, torna-se ultra-reacionário.

O proletariado está espiritualmente abatido, não obstante não pode nem querer submeter-se aos sociais-democratas. Por causa da enorme falta de trabalho encontra-se presentemente aniquilado e numa situação, que lhe torna impossível a resistência.

Sózinhos, a notável e inconfundível atriz que é Lucília Simões representa, pela última vez, a famosa peça de Ibsen, «Casa de Boneca», uma das suas portentosas criações. Não falte, pois, ao elegante tatô o quem não quiser privar-se dum espetáculo verdadeiramente admirável.

Hoje, em São Carlos, a

económica, de lutas pela melhoria de situação económica, social e moral. Lutas motivadas pelo fome e pela reacção, lutas pela conquista da terra, pela expropriação revolucionária.

Brilhantes vitórias e gloriosas derrotas. Infames traições e grandiosos heroísmos. Covardia miserável dos chefes e continua resistência das massas! Scepticismo dum lado, e do outro, crença entusiasta na vitória final da causa proletária. Isto é o resultado de cinquenta anos de luta das associações operárias da Primeira Internacional. E hoje o triunfo do imperialismo fascista. Meio século de história do movimento operário revolucionário da Itália.

Apesar disso pude-se antes e durante a guerra registrar grandes manifestações e greves gerais em diversos centros operários, como em Turim, Sestri Ponente, Vitoria, imprimiu-lhe movimento, continuando a conversar comigo.

E a mensagem? perguntou-me ela, como te acomodaram aqueles bárbaros?... Querem a paz?... ou uma guerra de exterminio?...

No momento em que eu ia responder-lhe, a minha coluna interrompeu-me com um gesto, e acrescentou depois após um momento de reflexão:

— Sabes que Térik, o meu bom parente, chegou ontem?

— Bem sei.

— Não pode tardar aqui; prefiro que na presença dele me des conta da tua mensagem.

— Seja como ordena... Pode receber agora o capitão Marion? Encontro-o quando me dirigir para aqui; vinha conferenciar com Térik...

— Scanvoch, meu filho, ainda passou esta noite fora de casa! disse-me Vitoria imprimindo a agulha com que cozia um movimento mais rápido, o que anunciaria sempre nela uma forte contrariedade.

— Sabendo da chegada do seu parente da Gascunha, pensei que talvez graves interesses tivessem demorado Vitorino em conferência com Térik durante esta noite... E isto, pelo menos, o que fiz supor ao capitão Marion, dizendo-lhe que Vitoria o poderia receber sem dúvida neste momento.

Vitoria permaneceu alguns momentos silenciosa; depois, pondo de parte a sua obra de costura, ergueu a cabeça e continuou em tom ao mesmo tempo doloroso e reprimido:

— Térik tem vícios..., que aniquilarão as suas boas qualidades!

— Tenha confiança e saiba esperar... a idade pode fazer muito.

— Há dois anos que os seus vícios aumentam e as suas qualidades declinam!

— A sua bravura, a sua generosidade e a sua franqueza ainda não degeneraram.

— A sua bravura já não é aquela tranquila e previdente bravura própria dum general... torna-se cega

e louca... e sua generosidade já não escolhe entre os dignos e os indignos; a razão enfraquece-se-lhe, o vinho e a devassidão perdem-no... Por Jesus! bebedo e devassol... meu filho! um dos dois chefes da nossa Gália, hoje livre... e amanhã talvez sem igual entre as nações do mundo!... Scanvoch, eu sou

— Vitorino é meu amigo...; dir-lhe-hei palavras paternais, mas severas...

— Julgas tu que as tuas palavras farão o que não poderam fazer as de sua mãe? aquela que durante vinte anos nunca abandonou, seguindo-o no exército e muitas vezes ao combate? Scanvoch, Hesus castigá-me... eu ufanava-me de meu filho.

— E que mãe se não ufanaria dele, nesse dia em que um valoroso exército aclama livremente por seu chefe o general de vinte anos, na rectaguarda do qual se via... sua mãe!

— Que importa tudo isso! se ele hoje me deshonra... E entretanto, a minha única ambição era fazer de meu filho um cidadão! um homem digno de nossos avós! Alimentando-o com o meu leite, não o alimentei eu também com um abrazador e santo amor pela nossa Gália, que renascia com a vida e com a liberdade!... O que desejei eu? viver obscura e ignorada, mas empregar as minhas vigílias, os meus dias, a minha inteligência, o meu conhecimento do passado que me faz conhecer o presente e as vezes o futuro..., empregar finalmente, todas as forças da minha alma e do meu espírito em tornar meu filho valioso, sábio, esclarecido digno em tudo de guiar homens livres que livremente o elegeram por chefe. Imploro Hesus por testemunha! alívio como gauleza que sou, feliz na qualidade de mãe por ter dado à luz um tal filho, teria gosado da sua glória e da prosperidade do meu país no interior do retiro onde me abrigasse... Mas ter um filho bebado e debochado! Colera do céo!... Esse insensato não comprehende que a cada um dos seus excessos esbofeteia sua mãe!... Se não o comprehende, os nossos soldados sentem-o e falam disso entre si...

e louca... e sua generosidade já não escolhe entre os dignos e os indignos; a razão enfraquece-se-lhe, o vinho e a devassidão perdem-no... Por Jesus! bebedo e devassol... meu filho! um dos dois chefes da nossa Gália, hoje livre... e amanhã talvez sem igual entre as nações do mundo!... Scanvoch, eu sou

— Vitorino é meu amigo...; dir-lhe-hei palavras paternais, mas severas...

— Julgas tu que as tuas palavras farão o que não

poderam fazer as de sua mãe? aquela que durante

vinte anos nunca abandonou, seguindo-o no exér-

cito e muitas vezes ao combate? Scanvoch, Hesus casti-

gá-me... eu ufanava-me de meu filho.

— Que importa tudo isso! se ele hoje me deshonra...

— E que motivo suspeitas tu de Térik? com que direito?

— Se eu não conhecesse o seu coração... julgar-te-hia invejoso da amizade que eu consagro ao meu parente.

— Apenas Vitoria pronunciou estas palavras, logo se arrependeu de as ter pronunciado e disse-me:

— Esquece estas palavras...

— Seriam para mim muito penosas, minha irmã.

— Se a dúvida injusta que elas exprimem a tivesse cegado com respeito à verdade do que afirmo.

— Neste momento entrou a criada e perguntou se Térik podia ser recebido.

— Que entre, respondeu Vitoria, que entre imedia-

tamente!

— Pois quê suspeitarias acaso de Térik, meu pa-

rente, o meu melhor amigo! Ele que é o mais sensato

dos homens! que é um dos melhores espíritos desta

época, e que até mesmo nas distrações que procura

nas suas cartas se mostra grande poeta! Ele, um dos

mais úteis defensores da Gália, com quanto não seja

homem de guerra, e que, no seu governo da Gascunha,

repara, à força de cuidados, os males da guerra civil...

Ah! irmão! eu esperava outra causa do teu leal coração

e da tua boa razão!

— Suspeito daquele homem...

— Oh! cabeça de ferro! carácter inflexível!... por

que motivo suspeitas tu de Térik? com que direito?

— Se eu não conhecesse o seu coração... julgar-te-hia invejoso da amizade que eu consagro ao meu parente.

— Apenas Vitoria pronunciou estas palavras, logo se arrependeu de as ter pronunciado e disse-me:

— Esquece estas palavras...

— Seriam para mim muito penosas, minha irmã.

— Se a dúvida injusta que elas exprimem a tivesse cegado com respeito à verdade do que afirmo.

— Neste momento entrou a criada e perguntou se Térik podia ser recebido.

— Que entre, respondeu Vitoria, que entre imedia-

tamente!

— Pois quê suspeitarias acaso de Térik, meu pa-

rente, o meu melhor amigo! Ele que é o mais sensato

dos homens! que é um dos melhores espíritos desta

época, e que até mesmo nas distrações que procura

nas suas cartas se mostra grande poeta! Ele, um dos

mais úteis defensores da Gália, com quanto não seja

homem de guerra, e que, no seu governo da Gascunha,

repara, à força de cuidados, os males da guerra civil...

Térik foi ao encontro de Vitoria, beijou-a na fronte

com familiaridade paternal, e disse-lhe:

— Eu a saúdo, querida Vitoria.

Depois, aproximando-se do berço onde continuava a dormir o neto da mãe dos acampamentos, o governador da Gascunha contemplando a criança com ternura,

TERROS & CINEMAS

COLISEU DOS RECREIOS

30 a 40% MAIS BARATAS

* MOBILIAR *

Não comprem sem visitar o depósito de
M. P. DE CASTRO
FABRICANTE e FORNECEDOR
160, CALÇADA DE SANTANA, 162

Literatura revolucionária
Encontram-se à venda na administração de A Batalha as obras abaixo, editadas em espanhol pela Editorial Argonauta, de Buenos Aires:
Artistas e Rebeldes, por Rodolfo Rocker. 135\$00
Dictadura e Revolução, por Luis Fabbri 15\$00
Soviet ou Ditadura? por Rocker, Goldman, Berkman, Kropotkin e Makno 15\$00
Cartas a una mujer sobre la anarquía, por Luis Fabbri 35\$00
Nicolai (y el pensamiento social contemporáneo), por R. Rolland 65\$00
Páginas de lucha cotidiana, por Henrique Maistreia 75\$00
La crisis del anarquismo, por Luis Fabbri e Catilina 15\$00
Pedidos à administração de A Batalha acompanhados da importância respectiva acrescida do custo do porte que é em média 10%.

Alfaiataria Africana

Novidades em Cazemiras e Chevioses do mais fino gosto

Fatos e fardamentos Confecções de Senhoras executadas pelos últimos figurinos

* Barroso, Antunes & Soares, L. da *
R. dos Fanqueiros, 277, 1.º E. — LISBOA
Fatos sem prova para a província, executam-se pelos últimos moldes, para o que basta enviar as medidas

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE ABRIL

T.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL
Q.	2	9	16	23	30	Aparece às 5,46
Q.	3	10	17	24		Desaparece às 19,23
S.	4	11	18	25		
S.	5	12	19	26		
D.	6	13	20	27		
S.	7	14	21	28		

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 8,21 e às 9,02
Baixamar às 1,16 e às 1,51

CAMBIOS

Faixa	Mor.	Das	Ao	Ontem
		por		Compr. Venda
Alemanha				
Austrália				
Bélgica				
Espanha				
Francia				
Holanda				
Inglatera				
Italia				
Suica				

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Desendos portos do Brasil e Argentina	27
Nossa, portos de África	28
Koenig, para Bremen	28
Flandria, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam	30
EM MAIO	
Angola, para os portos da África Oriental	1
Cairns, para Montreal	5
Lutetia, portos do Brasil e Argentina	5
Adolph Woermann, Southampton, Rotterdam e Hamburgo	6
Strabur, portos do Brasil e Argentina	8

HORARIO DOS COMBOIOS

Paris-Calais-Londres	
Itinerio Sud-Express, às 12,25 — Chegada às 1,10 — (Difícil)	

Madrid-Paris (Directo)

Partido do Rossio às 11,40 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo); — Chegada às 15,18 (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Porto-Galiza	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	

Partido do Rossio às 21,30 — Chegada às 1,45

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partido do Rossio às 9,41 e 21,30 — Chegadas às 8,45 e 17,30 — Chegadas à 1,45 — (às segundas, quartas e sextas-feiras, com lugares de luxo).	
Eivaz, Badajoz e Sevilha	